

**RAÇA, RACISMO E CIÊNCIA
DA RELIGIÃO: POR QUE
PRECISAMOS CONVERSAR SOBRE
ISSO?**

**RACE, RACISM AND RELIGIOUS
STUDIES: WHY WE NEED TO TALK
ABOUT THIS?**

Cláudia Aparecida Santos Oliveira

Doutoranda em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR/UFJF). Juiz de Fora, Minas Gerais. Brasil. Contato: claudinha.santos81@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre a experiência do negro enquanto um sujeito racializado em uma sociedade que encontra no racismo o seu *modus operandi*. Em uma perspectiva decolonial, em diálogo com intelectuais negros e negras, partindo do pressuposto de que as pessoas negras estão na Ciência da Religião como parte da sua rede humana e de seu campo de interesses temáticos, defendemos que o estudo de raça ou étnico-racial deve ser parte da formação acadêmica da área como forma de conscientizar os egressos sobre a questão da desigualdade racial e porque tal estudo pode contribuir, de modo significativo, no estudo de religião. Sendo assim, espera-se contribuir, mesmo que de modo incipiente, para alargar a discussão sobre a importância de tais estudos no contexto da Ciência da Religião.

Palavras-chave: Raça. Racismo. Ciência da Religião. Estudo de religião. Decolonialidade.

Abstract: The purpose of this article is to reflect on the experience of Black people as a racialized subject in a society that finds its *modus operandi* in racism. In a decolonial perspective, in dialogue with black intellectuals assuming that black people are in Religious Studies as part of their human network and their field of thematic interests, we argue that the study of race or ethnicity-racial should be part of the academic training in the area as a way of making graduates aware of the issue of racial inequality and because such a study can significantly contribute to the study of religion. Therefore, it's expected to contribute, even if in an incipient way, to broaden the discussion on the importance of such studies in the context of Religious Studies.

Keywords: Race. Racism. Religious Studies. Study of religion. Decoloniality.

Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a experiência do negro enquanto um sujeito racializado em uma sociedade que encontra, no racismo, o seu *modus operandi*. E por que refletir a este respeito, principalmente considerando o *lócus* de onde parte tal reflexão, no caso, a Ciência da Religião? Qual a importância de se refletir sobre *raça* em uma área dedicada ao estudo de religião? Muitas poderiam ser as respostas, mas apresento pelo menos três motivos.

O primeiro motivo é a presença de pessoas negras nos espaços acadêmicos e religiosos. Se na academia as pessoas negras integram a *rede humana* na condição de pesquisadores, docentes, discentes, nas tradições religiosas participam como *religiosos* (fiéis, lideranças), instrumentos pelo qual a religião ganha vida, forma e sentido. O segundo motivo é para que se entenda o que é ser uma pessoa negra em uma sociedade racista como a nossa, entendimento que exige um olhar mais aguçado para a dimensão histórica, em uma perspectiva crítica, da colonização e da escravidão. Isso porque, até hoje, seus efeitos se fazem sentir nos indivíduos e na sociedade como um todo considerando que a noção de *raça* e, por conseguinte, o racismo é a lógica, o sentido, a tecnologia que orienta, organiza, hierarquiza e estrutura a ordem social como se verá. O terceiro motivo é de caráter ético, social e, acima de tudo, político: o combate e o enfrentamento do racismo.

É nestes termos que este artigo se justifica e se apresenta não com a pretensão de dar conta da complexidade do fenômeno do racismo, mas de suscitar algumas reflexões, mesmo que incipientes, a este respeito, partindo do pressuposto de que seus efeitos se fazem sentir em instituições de ensino – aqui se circunscreve a Ciência da Religião – nas instituições religiosas e nas demais esferas sociais, bem como na vida social, profissional, afetiva, subjetiva das pessoas negras. Em outras palavras, se as pessoas negras estão na Ciência da Religião quer seja como parte da sua rede humana, quer seja como parte do seu campo de interesses temáticos, o estudo da *raça* ou étnico-racial deveria ser parte da formação acadêmica da área.

Enquanto mulher preta, educadora, acadêmica e pesquisadora de religião e consciente da sua *negrura*, termo que tomo de empréstimo do psiquiatra martinicano Frantz Fanon, defendo que, assim como já acontece com o estudo de gênero e sexualidade, o estudo de *raça* ou étnico-racial deva integrar o currículo ou grade curricular da respectiva área, em especial, dos cursos de graduação. Primeiro como forma de conscientizar os egressos sobre a questão da desigualdade racial que é, inclusive, fator importante para se entender a desigualdade social no Brasil e, a partir desta conscientização, a busca de meios de superar, enfrentar e combater o racismo. Segundo porque tal estudo pode contribuir no estudo da religião de modo amplo, pois, apesar do candomblé e a umbanda serem as tradições religiosas mais atingidas pelo

racismo e intolerância religiosa, não se pode perder de vista que os negros estão presentes nas mais diversas instituições religiosas que, enquanto parte da ordem social, são também afetadas pelo racismo.

Sendo assim, diante das várias possibilidades de abordagem sobre o racismo, a escolhida veio das obras do psicanalista martinicano Frantz Omar Fanon (1925-1961), mais especificamente do capítulo 5 – *A experiência vivida do negro* – do livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*¹ que, como toda obra, apresenta limites² que não a desqualifica como referência sobre a questão da negritude, da branquitude e do racismo. Como Fanon mesmo alertou, ele pertence à sua época. Entretanto, a quem tiver disposição e sensibilidade, a obra possibilita conhecer a realidade que atinge diariamente as pessoas pretas.

Apresentada em perspectiva menos metodológica e mais fenomenológica, Fanon descreve a experiência vivida por ele, um homem negro, na França. Esta descrição também ajuda a pensar, resguardadas as devidas especificidades, na questão racial no Brasil. De antemão, alerta para a impossibilidade de uma leitura distanciada, indiferente ao que está sendo descrito e criticado por Fanon, pois, de alguma forma, faz parte da realidade se não vivenciada, ao menos conhecida por todos nós. Dificilmente se encontrará uma pessoa negra, em especial as pretas, que não tenha sido, pelo menos uma vez, perseguidas dentro de lojas, supermercados, ou que não tenha ouvido “piadas” sobre o cabelo crespo ou não ter conseguido uma vaga, promoção por não ser ou estar “devidamente qualificada”.

Outros intelectuais, negros e negras, contribuíram para a escrita deste artigo como forma de contextualizar a questão do racismo que não começou em Fanon, mas que ele trouxe importantes contribuições. E esta escolha não foi aleatória, já que são referências em suas respectivas áreas de atuação. Para, além disto, a meu ver, decolonialidade não é apenas uma teoria e/ou forma de se conhecer uma dada realidade: antes disso, é, ou deveria ser, uma *práxis* que transforma o mundo

¹ FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

² Grada Kilomba, autora do prefácio, aponta como um erro de Fanon ter falado do homem como a condição humana. Segundo ela, o sujeito no livro é negro e masculino, excluindo, assim, o *status* ontológico das mulheres negras. (FANON, 2020). Neste ensaio, não se contemplou tal questão.

enquanto uma atitude que se assume, a atitude decolonial. Antes parte do projeto colonial e agora do racismo, produções de intelectuais negras e negros, africanos e afrodiaspóricos, foram invisibilizadas, silenciadas, apagadas. Pensar com eles, tê-los como referencial teórico é, de certo modo, abalar as estruturas de um sistema que visa, ainda hoje, silenciar tais vozes e saberes.

Por fim, o artigo encontra-se estruturado em duas partes: na primeira consta uma breve elucidação sobre o sistema colonial, momento no qual a noção de raça se consolidou como categoria de dominação e exclusão fomentada pelo racismo, sua realidade política e social como se verá. Na segunda parte a atenção se volta à Fanon e na experiência que descreve. Espera-se contribuir, mesmo que de forma incipiente, para o alargamento da discussão sobre a importância do estudo de raça ou étnico-racial no ensino superior, mas, em particular, no contexto da Ciência da Religião.

Do sistema colonial ao racismo nosso de cada dia

Colonizar é coisificar, objetificar, desumanizar o outro, torná-lo animal, sem alma. A colonização, segundo Fanon³, é caracterizada pelo desprezo: uma espécie de homem despreza outra espécie de homem. Duas espécies de homem, mas só uma teve o privilégio de participar da humanidade. Da outra, fez-se objeto: “vim ao mundo preocupado em suscitar um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos”⁴. De um lado o humano, o sujeito. De outro, a coisa, o objeto. Acima, os colonos, brancos, civilizados. Abaixo, os colonizados, negros, selvagens. Opressor *versus* oprimido. Europa *versus* o resto do mundo.

Os europeus desejavam civilizar o mundo. Colonizá-lo também. Como civilizar quando se quer colonizar? É possível civilizar colonizando ou colonizar civilizando? O poeta martinicano Aimé Césaire em *Discurso sobre o colonialismo*⁵ aponta que não. Colonizar = coisificar, afirma. Coisificar = objetificar, acrescento. Colonizar é diferente

³ FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

⁴ FANON, 2020, p. 125.

⁵ CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre colonialismo*. São Paulo: Venera, 2020.

de civilizar, concluímos. Se para alguns é colonização, para Césaire estamos falando de proletarização e mistificação⁶.

O projeto de civilização fracassou. Como explica Césaire, “uma civilização que justifica a colonização – portanto a força – já é uma civilização doente, uma civilização moralmente atingida que, irresistivelmente [...] chama seu Hitler, quero dizer, seu castigo”⁷. Fracassou já no início, no fundamento. Apesar do nome, o projeto não era civilizador, era colonizador. Tal como aponta Césaire, colonizar não é algo feito sem intenção, tampouco pode passar impune. Há sempre um preço a ser pago e a Europa pagou o seu: Hitler. Pelo crime, o alemão foi perdoado – afinal, é um crime que a Europa praticava há tempos. O perdão só não pode ser completo, de acordo com Aimé Césaire, por causa do alvo: o judeu é um homem branco.

[...] no fundo, o que ele [burguês humanista e cristão] não perdoa em Hitler não é o crime em si, o *crime contra o homem*, não é a *humilhação do homem em si*, é o crime *contra o homem branco*, é a *humilhação do homem branco*, é de haver aplicado à Europa os procedimentos colonialistas que atingiam até então apenas os árabes da Argélia, os *coolies*⁸ da Índia e os negros da África.⁹ (Grifos do autor)

Hitler teria usado contra os seus (brancos) aquilo que a Europa sempre utilizou contra os outros (negros). Houve surpresa, indignação. Por qual motivo, questiona Césaire, se a colonização desumaniza até o mais civilizado dos homens¹⁰? A colonização é um projeto baseado no desprezo do homem pelo homem, no caso, do homem branco pelo homem negro. Para quem o empreende, não há como sair sem ser modificado. Tanto que para ser capaz de tratar o outro como animal, antes disso precisa, ele mesmo, colonizador, se transformar em um animal. Para Césaire, a violência já corria nas veias europeias. O genocídio? Um velho conhecido. “A Europa

⁶ CÉSAIRE, 2020.

⁷ CÉSAIRE, 2020, p. 21.

⁸ Conforme a nota, *coolies* é um termo depreciativo para trabalhadores braçais. (CÉSAIRE, 2020).

⁹ CÉSAIRE, 2020, p. 18.

¹⁰ Apesar de reconhecermos que seria mais adequado o uso de “ser humano”, optamos por manter o termo utilizado pelo autor. Ao mesmo tempo, vale acrescentar, o termo “homem” reforça o caráter masculino, branco, normativo do projeto colonial, assim como bem pontuou um dos avaliadores do artigo, a quem agradecemos a observação.

é responsável perante a comunidade humana pela maior pilha de cadáveres da história”¹¹. Comoção? Infelizmente só pelos brancos.

A colonização não foi algo intencional. A considerar sua violência, sua força, nada teve de inocente. A violência é uma das suas marcas. É uma das características de sociedades colonizadas que são sociedades compartimentadas que comportam linhas de força entre o opressor e o oprimido. Segundo Fanon¹², se em sociedades capitalistas os “professores de moral, de conselheiros, de ‘desorientadores’” são os intermediários entre o explorado e o explorador, no mundo colonial essa função é exercida pelas forças armadas, isto é, pela polícia, exército¹³. São eles os porta-vozes do colono e do seu regime de opressão que tem na violência a sua linguagem. São os capatazes modernos.

Outra linha de força na relação colono/colonizado se dá à nível simbólico. Não contente com a violência física, o colono violentou o colonizado de outra forma: fez dele a quintessência do mal criando uma imagem em que este simboliza, personifica o mal¹⁴. Além da divisão em raça/classe (branco/rico *versus* negro/pobre), a sociedade colonial também se caracteriza como um lugar sem valores, de um povo igualmente sem valor (afirmação essa que, aliás, dá margens para outras tantas reflexões):

O indígena é declarado impermeável à ética, ausência de valores, como também negação dos valores. É, ousemos confessá-lo, o inimigo dos valores. Neste sentido, é o mal absoluto. Elemento corrosivo, que destrói tudo o que dele se aproxima, elemento deformador, que desfigura tudo o que se refere à estética ou à moral, depósito de forças maléficas, instrumento inconsciente e irrecuperável de forças cegas.¹⁵

Personificação do mal, sem ética, sem valores. Elemento corrosivo e deformador. É este o colonizado ou ao menos a imagem e/ou história elaborada a seu respeito. É aquele que tudo que toca, destrói. Tanto que envenenaram e perverteram os valores dos colonos para quem os costumes, as tradições, os mitos do colonizado não passam de heresias, instintos, depravação, coisas do mal que a religião cristã

¹¹ CÉSAIRE, 2020, p. 26.

¹² FANON, 1968.

¹³ FANON, 1968, p. 28.

¹⁴ FANON, 1968.

¹⁵ FANON, 1968, p. 31.

pode combater. Só tem uma questão, aponta Fanon: além de ser do branco, a Igreja nas colônias não convida “o homem colonizado para a via de Deus, mas para a via do Branco, do patrão, a via do opressor. E como bem sabemos, neste negócio são muitos os chamados e poucos os escolhidos.”¹⁶ Seja como for, uma coisa é certa: o colonizado foi duplamente violentado.

Infelizmente estas violências não cessaram com o fim da colonização, nem com a troca do colonialismo pela democracia ou a substituição da figura do colono pelo Estado. É o que sinaliza o filósofo e teórico político camaronês Achille Mbembe no livro *Políticas da Inimizade*¹⁷. Embora as democracias modernas tenham substituído a brutalidade e a violência física pela força das formas (a civilização dos costumes pelos costumes) e a reprovação moral ou sanções jurídicas, se tornando sociedades pacificadas e/ou pacíficas, para Mbembe¹⁸ houve apenas o abafamento desta brutalidade já que a violência política ainda é tolerada. Como exemplo, falou dos Estados Unidos que, mesmo pregando a igualdade entre os homens, consentiu a prática da escravatura que foi, inclusive, fonte do seu poder. É o que Mbembe¹⁹ chamou de “democracia dos escravos”, pois se fundamenta na noção de *raça*.

Segundo o filósofo, duas ordens coexistem na democracia de escravos: a *comunidade de semelhantes* regida pela lei da igualdade e a *comunidade de não-semelhantes* regida pela lei da desigualdade e fundamentada no preconceito racial. A democracia de escravos cria uma *comunidade de separação*: o preconceito racial e a lei da desigualdade criam entre as duas comunidades, uma barreira difícil de ultrapassar. Na comunidade de separação, cuja lógica se aproxima e muito da visão de Fanon sobre a compartimentação da sociedade colonial²⁰, os não-semelhantes não tem o direito a ter direitos. Além disso, nesse tipo de democracia, o esforço não é só para manter os membros dessa comunidade afastados, mas de saber como se livrar deles, fazendo-os “abandonar voluntariamente o país ou, se for preciso, deportá-

¹⁶ FANON, 1968, p. 31.

¹⁷ MBEMBE, Achille. *Políticas da Inimizade*. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2017.

¹⁸ MBEMBE, 2017.

¹⁹ MBEMBE, 2017.

²⁰ FANON, 1968.

los em massa” uma vez que “o escravo não é um sujeito de direito, mas uma mercadoria como todas as outras”²¹.

Mesmo após o fim do colonialismo, a violência ainda se faz presente nas sociedades modernas. Só que agora está embutida na democracia que tenta, a todo custo, esconder seu lado noturno que tem no sistema colonial e escravagista o seu repositório amargo²². Se for assim, como chamar de democrática uma sociedade que tolera a violência contra uma parcela significativa dos seus cidadãos? É um questionamento plausível considerando que o princípio da democracia é a igualdade e o que mais se vê neste tipo de sociedade como a brasileira, por exemplo, é a desigualdade em todos os sentidos e que tem na raça o seu critério. O resultado é a violência que acomete os sujeitos racializados. Como é de se esperar, em uma democracia racista a violência recai, em maior escala e força, sobre tais sujeitos. E esta é uma violência que vem desde os tempos da colonização. É o *continuum* de violência que tanto antes quanto agora, tem como alvo preferencial o mesmo corpo: o corpo negro.

Por conta disto, o sistema colonial e o sistema escravagista não devem ser pensados como algo passado, que aconteceu num determinado momento histórico que passou, ficou para trás. Os resquícios da (des)ventura europeia que se dizia civilizatória, mas que era colonizadora até hoje se faz sentir nas sociedades que foram por ela atingidas. A colonização elaborou uma das armas mais potentes e letal que serviu aos seus propósitos e sem a qual, provavelmente, não teria alcançado êxito: a noção de raça.

Raça é a categoria mental da modernidade e o produto direto da conquista das Américas nos séculos XV e XVI como afirma Dennis de Oliveira, jornalista e professor da ECA/USP e autor do livro *Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*²³. Para ele, o fato de ter se consolidado justamente naquele momento histórico “como uma classificação construída para legitimar a colonização” indica a função

²¹ MBEMBE, 2017, p. 35.

²² MBEMBE, 2017.

²³ OLIVEIRA, Dennis de. *Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

ideológica²⁴ da raça como o critério utilizado para se justificar a colonização e a escravização.

Da mão de obra escrava africana veio a energia, a força do sistema colonial. Negro passou a ser sinônimo de raça remetendo “para um corpo sem mundo e sem terra, um corpo de energia combustível, uma espécie de duplo da natureza que era possível transformar, pelo trabalho, em *stock* ou fundo disponível”²⁵. Raça passou a significar negro, corpo em diáspora, corpo disperso pelo mundo, corpo sem terra, corpo sem mundo. Corpo-trabalho, corpo-instrumento, corpo-explorado, corpo- negro. Raça passou a ser sinônimo de negro, logo, de sujeito racializado.

Enquanto categoria mental, *raça* tem a ver com ideia, ideologia cuja realidade política e social vem do racismo conforme explica o antropólogo e professor congolês-brasileiro Kabengele Munanga na obra *Negritude: usos e sentidos*²⁶. Se a realidade da *raça* pode ser contestada em termos científicos, o mesmo já não se pode dizer em termos políticos e ideológicos, explica o professor, pois *raça* é um conceito que

[...] funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis. Em outros termos, poder-se-ia reter como um traço fundamental próprio a todos os negros (pouco importa a classe social) a situação de excluídos em que se encontram em nível nacional. Isto é, a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de ‘exclusão’. Ser negro é ser excluído.²⁷

Racismo é a manifestação da “ideia” que se tem a respeito de uma raça. Como desde a colonização *raça* é sinônimo de negro, o racismo é a *manifestação* da “ideia” que se faz do negro e que pode ser interpretada de três formas de acordo com o advogado e filósofo brasileiro Silvio de Almeida no livro *Racismo Estrutural*²⁸: de forma individualista e/ou comportamental, institucional e estrutural.

Enquanto na concepção individualista/subjetiva, o racismo é visto em termos de comportamento dos indivíduos, na concepção institucional a atenção se volta para as vantagens e privilégios baseados na raça dentro das instituições. A concepção

²⁴ OLIVEIRA, 2021, p. 68.

²⁵ MBEMBE, 2017, p. 23.

²⁶ MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

²⁷ MUNANGA, 2020, p. 15.

²⁸ ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

individual é, sem dúvidas, a que tem maior visibilidade, em especial a nível midiático por ser a forma que o racismo se materializa: através de atos e/ou atitudes racistas, preconceituosas, discriminatórias. É quando o racismo e o racista mostram a cara. Já a concepção institucional, segundo o autor, revela duas coisas: que os conflitos raciais são parte das instituições e que a raça é um dos parâmetros discriminatórios usados para manter determinado grupo no poder.

Apesar de importantes enquanto níveis de interpretação do racismo (como o racismo pode ser interpretado), elas não devem ser o critério ao se pensar possíveis formas de enfrentamento do racismo dado às suas limitações. Isto porque, aponta Oliveira²⁹, enquanto uma compreensão individual/comportamental do racismo “pode levar à ilusão de que processos educativos ou mesmo mecanismos dissuasórios por meio de normas punitivas seria o suficiente”, a compreensão institucional faz crer que é suficiente uma “presença maior de negras e negros nos aparatos institucionais”. Apesar da boa intenção, tais ações não são suficientes dado ao caráter estrutural do racismo.

Como Almeida mesmo explica, o racismo que se dá em nível individual e/ou institucional só acontece porque o racismo é estrutural, isto é, parte da ordem social. Uma vez que o “racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea”³⁰, indivíduos e instituições, enquanto partes da estrutura social, são seus reprodutores. Quando se diz isso se está dizendo que a sociedade é racista por ter no racismo o seu *modus operandi*. Ou seja, o funcionamento da sociedade e, assim, dos sujeitos e das instituições, seguem uma lógica racista. Quer se queira ou não assumir, o fato é que o racismo atravessa os sujeitos e as instituições.

Para Oliveira, o racismo deve ser concebido “como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas”, isto é, como “produto de uma *tipologia de classificação racial* consolidada principalmente no século XVI como

²⁹ OLIVEIRA, 2021, p. 61.

³⁰ ALMEIDA, 2021, p. 21.

instrumento do projeto eurocentrista” (grifo do autor)³¹. Por conta disso, o problema do racismo não deve ser reduzido à uma questão comportamental que pode ser solucionada por meio da educação, como visto, até porque a própria falta de conhecimento não só gera o racismo, como é o seu produto³². No entanto, a educação não deixa de ser um instrumento importante no combate e enfrentamento do racismo.

O Brasil foi constituído sob o regime do sistema colonial e escravagista. É um país estruturado pelo racismo quer se tenha consciência ou não a este respeito. Independentemente de crenças, achismos ou coisas do tipo, é um problema que existe e atinge toda a sociedade, mas, em especial, os negros e tudo pertencente e/ou relativo à África e aos africanos. É o caso, por exemplo, das tradições religiosas de matriz africana ou religiões afro-brasileiras como aponta Sidnei Nogueira no livro *Intolerância Religiosa*³³. Para o autor, está-se diante de “uma evidente condenação racista de todas as práticas de origem africana no Brasil”³⁴. Racista, pois se trata de tradições religiosas ligadas à África. A perseguição que sofrem, principalmente pelos cristãos pentecostais, “criou uma espécie de espetáculo violento contra tudo que, aparentemente, for identitária, filosófica e liturgicamente relacionado às influências africanas no Brasil”³⁵.

Iniciado na Modernidade com a conquista e colonização das Américas que foi um processo marcado pela violência, pela força, pela opressão, pela exploração, pela exclusão, enfim, pela desumanidade, o racismo opera em condições análogas, pois tem como linguagem a violência e a exclusão como lógica. Racismo é violência.

Se racismo é exclusão, tudo relativo à África e aos africanos, inclusive a religião – e provavelmente mais do que qualquer outra coisa, se considerarmos as investidas contra a laicidade do Estado brasileiro a fim de torná-lo cristão – deve ser não só excluído, no sentido de ficar de fora, mas destruído, apagado, extinto. É por

³¹ OLIVEIRA, 2021, p. 65-66.

³² De acordo com Oliveira (2021, p. 64): “O não conhecimento de História da África, por exemplo, é produto de uma decisão ideológica, pois, à medida que um sistema social necessita para o seu padrão de acumulação de riquezas construir hierarquias entre seres humanos, determinados temas que contrapõem a essa hierarquia estabelecida não são de interesse”.

³³ NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

³⁴ NOGUEIRA, 2020, p. 23.

³⁵ NOGUEIRA, 2020, p. 25.

isso que, para Nogueira, em se tratando das tradições religiosas de matriz africana não é tão somente uma intolerância religiosa, mas racismo, pois é neste último que “está o componente nuclear das diversas formas de violência contra as CTTro”, ou seja, as Comunidades Tradicionais de Terreiro. Nas palavras de Nogueira³⁶,

O racismo evidencia igualmente como as agressões não se circunscrevem a um caráter puramente religioso, mas a uma dinâmica civilizatória repleta de valores, saberes, filosofias, sistemas cosmológicos, em suma, modos de viver e existir negro-africano amalgamados nas CTTro.³⁷

Enquanto a intolerância religiosa tem mais a ver em se considerar como herética ou demoníaca determinada prática do sagrado alheio, o racismo religioso “condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta” e incide não só sobre as pessoas pretas, “mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre rituais. Trata-se da alteridade condenada a não existência”³⁸. O objeto do racismo não é o sujeito em particular, mas sua forma de existir, ser e estar no mundo que remete à África e os negros. Assim, ao demonizar os cultos de matrizes africanas, o racismo religioso atinge a humanidade dessas pessoas e/ou coletividade, explica Nogueira³⁹.

Ao mesmo tempo, se racismo é exclusão, ser negro é ser sistematicamente excluído e violentado na sua dignidade de pessoa humana. Indivíduo marginal, subalterno, o negro, segundo Fanon no livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*⁴⁰ está condenado pela própria cor da pele. É o que veremos no próximo tópico.

A experiência vivida do negro enquanto sujeito racializado

O que vem antes da cor da pele? Gênero, sexualidade, classe? Não! Formação, afeto, religião? Não, ao menos não para o negro. A cor da sua pele, antes de qualquer coisa, determina – ao menos assim está posto – a sua vida e até mesmo

³⁶ NOGUEIRA, 2020, p. 88.

³⁷ NOGUEIRA, 2020, p. 88.

³⁸ NOGUEIRA, 2020, p. 89.

³⁹ NOGUEIRA, 2020, p. 91.

⁴⁰ FANON, 2020.

a sua morte. Está preso à sua pele, condicionado pela sua cor, pois se de um homem é exigido uma conduta de homem, do homem negro é exigido uma conduta de homem negro⁴¹.

[...] o judeu pode ser ignorado em sua judeidade. Ele não é integralmente aquilo que é [...] É um branco e, com exceção de alguns traços muito discutíveis, pode até passar despercebido. Pertence à raça dos que, por toda a história, evitaram a antropofagia [...] Se tudo estiver em ordem, basta não ser negro [...] O judeu deixa de ser amado a partir do momento em que é identificado. Mas, no meu caso, tudo ganha uma nova cara. Nenhuma chance me é concedida. Sou sobredeterminado a partir do exterior. Não sou escravo da 'ideia' que os outros fazem de mim, mas da minha aparência.⁴²

O negro é integralmente aquilo que é, diz Fanon. Não pode ser ignorado, tampouco passar despercebido porque sua negrura se reflete naquilo que se mostra: sua aparência. Não podendo deixar de ser negro é sempre identificado como negro, mesmo quando se empenha neste sentido valendo-se, por exemplo, do casamento e/ou relações interracialis ou da linguagem, como é o caso dos negros martinicanos que Fanon descreve.

Quanto mais incorporar o idioma francês, mais branco ou próximo disso ficaria o negro, considerando que a língua do branco, no contexto martinicano, é o francês. Dominar essa linguagem é possuir o mundo expresso e implicado por ela. Falar francês é possuir este mundo branco, civilizado – possuir não no sentido de posse, mas de assimilação, incorporação, apropriação – e deixar o mundo negro, selvagem. É como diz Fanon: “o colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores culturais da metrópole. Tão mais branco será quanto mais rejeitar sua escuridão, sua selva”⁴³. Neste caso, a linguagem é o passaporte para o negro sair do mundo selvagem e entrar no mundo civilizado, isto é, sair do mundo negro e entrar no mundo branco. Ainda assim, o risco de ser hostilizado sempre vai existir: “sim, é preciso que eu me policie em minha elocução, pois é em parte por ela que serei julgado... Com grande desdém, dirão de mim: nem sequer sabe falar francês”⁴⁴.

⁴¹ FANON, 2020, p. 129-130.

⁴² FANON, 2020, p. 131.

⁴³ FANON, 2020, p. 32.

⁴⁴ FANON, 2020, p. 35.

Se com judeu o ódio só vem quando ele é identificado, com o negro isso não acontece. Como a sua identificação é imediata – seu exterior o trai – o ódio também é imediato. Não há espaço entre identificação e reação. É simultâneo e, por vezes, tão rápido que não há como se proteger: “– Olhe o negro!... Mamãe, um negro!... Quietos! Ele vai se zangar... Não lhe dê atenção, meu senhor, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto a gente...”⁴⁵. Civilizado, sim, mas ainda um corpo negro preso em si, apesar de ter assimilado a cultura do opressor: “Eu havia criado, por esquema corporal, um esquema histórico-racial. Os elementos que utilizei [...] me foram fornecidos [...] pelo outro, o branco, que teceu para mim milhares de detalhes, anedotas, relatos”⁴⁶. Aprisionado à própria corporalidade, o negro busca constantemente desenvolver esquemas corporais que o branco fornece, isto é, o jeito de falar, de andar, de se comportar, de ser.

A escolha fica entre permanecer na selva ou ir para “civilização”. Seja qual for, toda escolha tem seu preço e risco. A psiquiatra e psicanalista brasileira Neusa Santos Souza no livro *Tornar-se Negro*⁴⁷ em que reflete a ascensão do negro no Brasil aponta que, ao ascender, o negro encontra dificuldades tanto do lado dos brancos que se esforçam para “manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social”⁴⁸ quanto do lado dos negros que além da divisão, também tem a hostilização entre os conformados com a situação social que se encontram e os que lutam para romper o paralelismo negro/miséria. Ficar ou ir, não importa: o negro sempre encontrará dificuldades.

Fanon diz não ser escravo da “ideia” que fazem a seu respeito, mas do seu corpo. E o que isso quer dizer? Temos uma “ideia” a respeito das coisas, um *a priori* que vem à tona quando acionado o comando. No caso do judeu, exemplo de Fanon, há uma “ideia” a seu respeito que pode ou não ser acionada já que os judeus são, em grande parte, brancos. A (re)ação só acontecerá se seus atos e comportamentos

⁴⁵ FANON, 2020, p. 129.

⁴⁶ FANON, 2020, p. 126-127.

⁴⁷ SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

⁴⁸ SOUZA, 2021, p. 48.

sinalizar que se trata de um judeu. Afinal de contas, aquilo que se mostra é a pele e a do judeu é branca. É como disse Fanon: desde que não haja contratempos, há chances de tudo terminar bem: quando a “ideia” não é ativada, a (re)ação também não é. Infelizmente nós, pessoas negras, não contamos com a mesma sorte. O comando é sempre acionado por causa da nossa pele negra. Tudo ganha uma *nova* cara, a “cara de negro”. Mesmo que usemos uma “máscara branca”, a pele ainda é negra.

Eu era a um só tempo responsável pelo meu corpo, pela minha raça e pelos meus ancestrais. Eu me percorri com um olhar objetivo, descobri minha negrura, meus traços étnicos – e então me arrebetaram o tímpano com a antropofagia, o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros [...]⁴⁹

Como visto, para Fanon o que escraviza não é a “ideia” que os outros fazem a nosso respeito, mas a nossa aparência. É ela o gatilho do racismo que, como visto no tópico anterior, é a manifestação da “ideia” que se tem a respeito do negro.

Mesmo tentando se esconder, passar despercebido, não ser notado – e é difícil encontrar uma pessoa negra que não tenha tentado ser invisível pelo menos uma vez na vida – como é ela, a pele negra que se mostra, isto não é possível. É ela o que se vê primeiro. É para ela que se volta o olhar branco, o “único verdadeiro”: “[...] Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um negro, ora essa!”⁵⁰ Negro e branco não pertencem a mesma espécie. O branco é um homem. O negro é outro tipo, outra coisa. Um não-homem, por isso excluído da humanidade. Não é à toa que Fanon aponta a necessidade de um novo humanismo, um que não exclua ou deixe de fora parte da humanidade.

O negro é o outro. Na verdade, foi feito outro pelo branco. Outra “coisa”, outro “objeto”, outro “não-humano”. E como bem sabemos, não ser sujeito é não ser dotado de tudo que constitui a humanidade, como, por exemplo, o afeto, o amor, o respeito, à dignidade. É não ter direitos. Se ele (negro) não possui a mesma humanidade que

⁴⁹ FANON, 2020, p. 128.

⁵⁰ FANON, 2020, p. 131.

eu (branco), se ele é um “não-eu”, não há uma relação humana entre nós, não é meu “igual”. O que é ser um “não-eu”? É não ser, não existir. “Existe uma zona do não ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, [...] de onde pode brotar uma aparição autêntica. Na maior parte dos casos, o negro não goza da regalia de empreender essa descida ao verdadeiro inferno”⁵¹, que é se constituir como um ser. O *ser para o outro* bem ao estilo hegeliano parece não se realizar dentro dessa lógica. “O negro não tem resistência ontológica aos olhos do branco”⁵², alerta Fanon.

A objetificação, a coisificação é nada mais que um processo – ou ao menos um esforço nesse sentido – de apagamento do sujeito e/ou daquilo que o constitui como tal. Sai o homem, entra a coisa. Não ser é não existir. Não existir é não ter lugar, não ter referência, não ter voz, não ter sentimento, não ter razão. É não ter o direito de ter tudo isso. É não participar da vida como um sujeito que define a própria realidade ou que a escreve enquanto seu autor.

No livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*⁵³, a teórica e escritora portuguesa Grada Kilomba diz que o negro não se tornou apenas o “outro” do branco, mas também aquilo com que ele não quer se parecer. Segundo ela, na colonização, houve uma inversão de papéis: o colonizador transformou o colonizado em inimigo, um ladrão que queria roubar seus bens (frutas etc.) quando, na verdade, a terra pertencia “moralmente” ao colonizado. Para Kilomba, este foi um “processo de negação, no qual o senhor nega seu projeto de colonização e o impõe à/ao colonizada/o”⁵⁴. É mais ou menos assim: não sou eu, branco/colonizador quem está roubando a sua terra e o fruto dela. É você, negro/colonizado, quem me rouba. [Qualquer semelhança em relação às políticas de ações afirmativas como as cotas sociais em que o discurso é “os *negros* estão *roubando* as *minhas* vagas” não é mera coincidência]. O colonizado é transformado em inimigo enquanto o verdadeiro inimigo, o colonizador, se transforma em vítima. Os papéis foram invertidos: “o *sujeito negro*

⁵¹ FANON, 2020, p. 22.

⁵² FANON, 2020, p. 126.

⁵³ KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

⁵⁴ KILOMBA, 2019, p. 34.

torna-se então tela de projeção daquilo que o *sujeito branco* teme reconhecer sobre si mesmo”⁵⁵.

Mais do que o outro, o negro se tornou a “outridade” do branco, isto é, aquilo que reprime de si mesmo, diz Kilomba, ressaltando que o problema não está no negro e sim nas fantasias *brancas* de como o negro deve ser. Essas fantasias ou ideias não representam o negro, mas o imaginário *branco*, sendo aspectos que estes negam e reprojeta no negro “como se fossem retratos autoritários e objetivos de nós mesmas/os”⁵⁶. Dito de outra forma: o problema é do branco. Só que mesmo sabendo de quem é o problema, tais fantasias, ideias, imaginações se tornaram um problema para o negro ao serem consideradas certezas que alimentam outras certezas. Ou seja, o problema não é só o que se imagina a respeito do negro e tudo relacionado à negritude, mas o que resulta dessa imaginação.

Meu corpo me era devolvido desmembrado, desmantelado, arrebatado, todo enlutado naquele dia branco de inverno. O negro é uma besta, o negro é mau, o negro é malicioso, o negro é feio; olhe, um negro, faz frio, o negro treme, o negro treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do negro, o negro treme de frio, aquele frio de torcer os ossos, o belo menino treme porque acha que o negro treme de raiva, o menino branco corre para os braços da mãe: mamãe, o negro vai me comer.⁵⁷

O pensamento vira ação. É assim que o racismo se materializa. A ideia de que o negro é mau, faz do negro mau. A ideia de que o negro é bandido, faz do negro bandido não deixando margens para nada além da convicção que se tem. Uma coisa se funde a outra, tornando-se uma só. A ideia estrategicamente construída ao longo do sistema colonial e escravagista de que a raça negra é inferior está solidificada em muitas mentes e, constante e sistematicamente, se materializa. É o racismo nosso de cada dia.

Negro é tudo aquilo que se idealiza, fantasia, imagina a seu respeito e não aquilo que a pessoa negra é. A questão nunca é saber quem é a pessoa e sim o que se pensa a seu respeito. O predicado se tornou o sujeito na sua totalidade. O negro

⁵⁵ KILOMBA, 2019, p. 37.

⁵⁶ KILOMBA, 2019, p. 38.

⁵⁷ FANON, 2020, p. 129.

deixou de ser homem. Virou negro, um negro imaginado pelo branco e pelo próprio negro, problematizando ainda mais a questão. No lugar do sujeito, a representação. Uma explicação é dada pela teórica e feminista negra estadunidense bell hooks no livro *Olhares Negros: raça e representação*⁵⁸: qualquer sistema de dominação racial para ser mantido deve ter controle sobre as imagens. Antes mesmo de chegar aos Estados Unidos, hooks diz que a supremacia branca já havia construído “imagens da negritude e de pessoas negras que sustentam e reforçam as próprias noções de superioridade racial, seu imperialismo político, seu desejo de dominar e escravizar”⁵⁹. Fanon estava certo ao dizer que o mito negro precisa ser demolido.

O negro não é escravo da “ideia” que se tem a seu respeito, mas é dela vítima em dois sentidos: porque faz dessas ideias as suas ideias e porque será visto e atacado a partir dessas ideias. Um bom exemplo dado por hooks são os filmes ao determinar “como a negritude e as pessoas negras são vistas e como outros grupos responderão a nós com base nas suas relações com a construção e o consumo de imagens”⁶⁰. Muitas vezes, a representação do negro nas mídias não é positiva nem quando tenta ser. Seja como for, a questão é que as mídias alimentam determinadas ideias sobre o negro para os brancos e para os negros, ideias que se transformam em certezas.

O racismo ou preconceito de cor vem da “existência de determinada opinião compartilhada por certas pessoas”⁶¹ a respeito do negro: “era ódio; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, mas por toda uma raça. Estava diante de algo irracional”⁶². O racismo é ódio. É ser odiado pela cor da pele – “Minha negrura estava ali, densa e indiscutível. E ela me atormentava, me perseguia, me inquietava, me exasperava” – por ser descrito como aquilo que não se é – “Os negros são selvagens, estúpidos, analfabetos. Mas, no meu caso, eu sabia

⁵⁸ hooks, bell. *Olhares Negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

⁵⁹ hooks, 2019, p. 33.

⁶⁰ hooks, 2019, p. 38.

⁶¹ FANON, 2020, p. 132.

⁶² FANON, 2020, p. 133.

que essas proposições eram falsas”⁶³. O racismo é, a meu ver, a “potência do falso”. Mas de onde vem essa expressão?

No seu livro *Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada*⁶⁴, Mbembe apresenta logo na introdução seu entendimento sobre a colonização. Para o filósofo, a colonização foi mais que uma tecnologia ou dispositivo; foi “também um complexo, uma pirâmide de certezas, umas mais ilusórias do que as outras: a potência do falso”⁶⁵. Vencendo sem ter razão, a colonização “exigia dos colonizados não apenas que eles mudassem suas razões de viver, mas também que mudassem de razão – seres em falha perpétua”⁶⁶.

É neste sentido que o racismo, resultado da colonização e escravização, também é a potência do falso, a vitória da não razão, por isso irracional como alega Fanon, uma pirâmide de certezas questionáveis, porque o negro não é apenas o que se fantasia a seu respeito. O racismo, assim como a colonização, tem a “poderosa capacidade de proliferação e de metamorfose” e que, tanto antes como agora, faz tremer “o presente daqueles que a ele se submeteram, infiltrando-se até em seus sonhos, enchendo seus pesadelos mais horríveis, antes de lhes arrancar lamentações atrozes”⁶⁷. Isto porque, como dito, o racismo é violência, nada diferente disto.

Considerações finais

Sempre há muito mais a dizer e com este artigo não é diferente. Certamente muitas lacunas continuam abertas, questionamentos ficaram sem respostas, tantas questões que precisam de reflexões mais aprofundadas e que não receberam o devido tratamento neste texto. Como é comum dizer, não se pretendeu esgotar todo o tema e isto nem seria possível diante da complexidade que permeia os estudos de

⁶³ FANON, 2020, p. 132.

⁶⁴ MBEMBE, Achille. *Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes, 2019.

⁶⁵ MBEMBE, 2019, p. 17-18.

⁶⁶ MBEMBE, 2019, p. 18.

⁶⁷ MBEMBE, 2019, p. 17.

raça ou étnico-racial e do racismo que vem, nos últimos anos, ganhando mais espaço nos debates acadêmicos e também públicos como a grande mídia ou redes sociais.

Neste artigo a questão do racismo foi abordada de duas formas: a primeira para mostrar que, se no primeiro momento, raça foi o critério de justificação da colonização e da escravização, nos tempos atuais o racismo, que confere à raça sua realidade política e ideológica, é a lógica na qual a sociedade (no caso a brasileira) se estrutura e opera, funcionando como uma categoria de dominação e de exclusão. Já na segunda parte, o racismo foi visto sob o prisma de um homem negro, no caso Fanon, que descreve sua dupla experiência: a de ser reconhecido como negro e a de se reconhecer como negro revelando, a partir das suas reflexões, o duplo-olhar que atinge o corpo negro: o olhar branco (colonizador/racista) e o próprio olhar (olhar para si e seu corpo negro).

Ao abordar a temática racial e mais especificamente o racismo, o desejo era de contribuir, de alguma forma, para alargar a discussão dessa pauta tão importante e necessária no ensino superior como um todo, mas, em particular no contexto da Ciência da Religião que é o meu *locus* hermenêutico neste momento. Isto porque, as pessoas negras estão em todos os lugares, ocupando todos os espaços e conhecer as especificidades que afetam essa grande parcela da população brasileira deve ser uma prioridade, entre outras tantas, no sentido de enfrentamento do racismo e como forma de darmos um passo em direção à tão sonhada (e idealizada) igualdade.

Além disso, acreditamos que o estudo da temática racial e do racismo pode contribuir nos estudos de religião ao propiciar um olhar desconstruído de certas ideias e fantasias que se tem a respeito da pessoa negra e de tudo que tem a ver com África e com os africanos. Como visto, as tradições religiosas de matriz africana ou afro-brasileiras sofrem não de intolerância, mas de racismo religioso dado a sua origem religiosa preta, africana. Enquanto alteridade condenada a não existência, e a tolerância relaciona-se à alteridade, o que acomete tais tradições religiosas longe está de ser tão somente um não suportar o que é diferente, pois ainda assim se estaria reconhecendo a sua existência, apesar da diferença. É um não querer que o outro, feito outridade, exista. É, portanto, racismo, um mecanismo de apagamento, de extinção, de morte do sujeito negro e das suas origens africanas.

Negros e brancos precisam tomar consciência de si. Este convite feito por Fanon a negritude se estende à branquitude que devem ser (cons)ciente daquilo que lhe constitui enquanto um sujeito branco. Precisamos nos conscientizar de que o racismo cimenta as relações sociais no Brasil. Ter essa consciência, entender o racismo como a potência do falso, é ter a possibilidade de decidir por uma mudança de atitude frente ao outro, fazendo valer o respeito e, acima de tudo, a alteridade. Não vejo como ter mudanças onde não há consciência de que se é preciso mudar. Apesar das importantes conquistas do Movimento Negro Unificado (MNU) nos últimos tempos, como as políticas de ações afirmativas, por exemplo, muito há por ser feito ainda no Brasil.

Nem sempre saber sobre o racismo é ter consciência da sua complexidade. Ter consciência sobre o racismo é refletir sobre ele e neste ato, refletir sobre si mesmo, sobre os outros, sobre o mundo e através, desta reflexão, tomar a decisão de mudar de atitude principalmente frente às pessoas negras e tudo que faz parte da sua negrura, da sua negritude. E não posso deixar de considerar a Ciência da Religião um lugar em que estas reflexões devem se fazer presente na formação dos sujeitos que se colocarão, enquanto profissionais, em contato com essas pessoas. E por último, e não menos importante, cabe a nós, estudiosos e/ou pesquisadores de religião refletir, crítica e individualmente, até que ponto o racismo [não] está presente no olhar que lançado à religião, às tradições religiosas e aos religiosos?

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre colonialismo*. São Paulo: Venera, 2020.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

hooks, bell. *Olhares Negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. *Políticas da Inimizade*. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2017.

MBEMBE, Achille. *Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes, 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

OLIVEIRA, Dennis de. *Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.